

Cenário de modernidades: A Feira Internacional de Amostras do Rio de Janeiro

SEGAWA, Hugo. Cenário de modernidades: A Feira Internacional de Amostras do Rio de Janeiro. Revista Docomomo Brasil, Rio de Janeiro, n. 4, p. 19-29, dez. 2019

data de submissão: 03/12/2019
data de aceite: 20/01/2020

Modernity scenarios: The International Sample Fair in Rio de Janeiro

Hugo SEGAWA

Livre-Docente em Arquitetura e Urbanismo; Professor da FAU USP; segawahg@usp.br

Resumo

A Feira Internacional de Amostras do Rio de Janeiro foi um evento inaugurado em 1928 que prosseguiu por mais de uma década como uma celebração anual da modernidade. Espelhando alguns padrões de exposições internacionais em escala regional, sua realização em lugares fechados e ao ar livre, aberto ao grande público, em uma combinação de espaço de negócios, exibição de produtos, festejos e diversões, caracterizou uma forma de apropriação urbana e social que conheceu seu auge ao longo dos anos 1930. A arquitetura de seus pavilhões introduziu o gosto Art Déco e permitiu sua popularização enquanto estética, exibida como modernidade tanto quanto os novos produtos derivados da indústria elétrica e mecânica. No espírito da competição e da demonstração do progresso inerente às exposições e feiras, a Feira Internacional de Amostras traduziu uma vontade de autoafirmação nacional perante o mundo, de empenhar-se por um posicionamento pela modernidade, qualquer que fosse ela, no período entreguerras.

Palavras-chave: Feira Internacional de Amostras, Rio de Janeiro – Urbanização, Art Déco, Exposições internacionais, modernidade pragmática

Abstract

The Feira Internacional de Amostras do Rio de Janeiro was an event inaugurated in 1928 and continued for more than a decade as an annual celebration of modernity. Mirroring some international exhibition patterns within a regional scale, its format as an indoor and outdoor activity, open to the general public, was a combination of business space, products display, festivities and amusements. It characterized a way of urban and social appropriation with its heydays in the 1930s. The architecture of its pavilions introduced the Art Deco taste and its popularization as aesthetics, exhibited as modern as much of the new products derived from the electrical and mechanical industry. In the spirit of competition and demonstration of progress inherent in exhibitions and fairs, the Feira Internacional de Amostras exposed a desire for

national self-affirmation before the world, to strive for a position of modernity, whatever it could mean, in the interwar period.

Keywords: *International Sample Fair – Rio de Janeiro, Rio de Janeiro – Town Planning, Art Déco, International Exhibitions, Modern architecture.*

A grande atração destes dias quentes de dezembro é, sem dúvida, a Feira Internacional de Amostras, onde se movimenta, por assim dizer, uma pequena cidade comercial e civilizada, em sua inquietação, seus turistas, sua vida vertiginosa, seus encantos multicoloridos, sua vibração.

Revista *Fon-Fon*, 1939 (XII FEIRA..., 1939)

A XIII Feira Internacional de Amostras [...] tem constituído a nota de atração deste lindo mês de festa e de alegria, em que a alma popular se alvoroça ingenuamente para esquecer as angústias e as amarguras dos outros meses do ano.

O recinto do importante certâmen, diariamente, se apresenta engalanado de inquietações e de sorrisos, oferecendo, assim, um ambiente propício às manifestações do entusiasmo popular.

Revista *Fon-Fon*, 1940 (FEIRA..., 1940)

Só Joaquim nada dizia. Ouvia calado aquela história de coisa boa. Feira de Amostras... Era como se ouvisse falar de uma viagem à lua. Joãozinho e Lucinha talvez pudessem ir à lua, mas ele não. Quantas e quantas vezes ouvira falar da Feira de Amostras? Disseram-lhe que era um lugar muito grande, como uma cidade cheia de brinquedos, doces, palhaços, carrinhos, roda de cavalinhos, aviões... Uma cidade tão iluminada, tão clara, tão bonita, que as crianças não tinham vontade de sair mais de lá. Uma cidade cheia de luz! Ali na rua dos Arcos, onde moravam, era tão escuro, feio, triste. Como deveria ser bonita a Feira!

Leonor Telles, do conto "Deslumbramento", 1944 (TELES, 1944, p. 6)

No conto da escritora Leonor Telles¹ a expectativa do garoto Joaquim de visitar a Feira de Amostras reitera um imaginário sobre um evento que marcou a vida da então capital do país.

A Feira de Amostras do Rio de Janeiro foi um acontecimento anual que se registrou na crônica da cidade como um espaço de celebração. Foi um crescendo a partir da primeira edição, em 1928, tendo alcançado seu auge ao longo da década de 1930. Seu recinto, que em um momento até se propôs como permanente, durou cerca de duas décadas. Sua superfície foi um palimpsesto, testemunho perdido das transformações da paisagem e do planejamento urbano do então Distrito Federal. (Figura 1).

Uma área para essa finalidade constava do Plano Agache, elaborado entre 1927 e 1930:

Encontrar-se-á, no plano, o local rasgadoamente concebido para as próximas feiras de amostras que tendem tomar, no Brasil, uma importância considerável. Na ex-

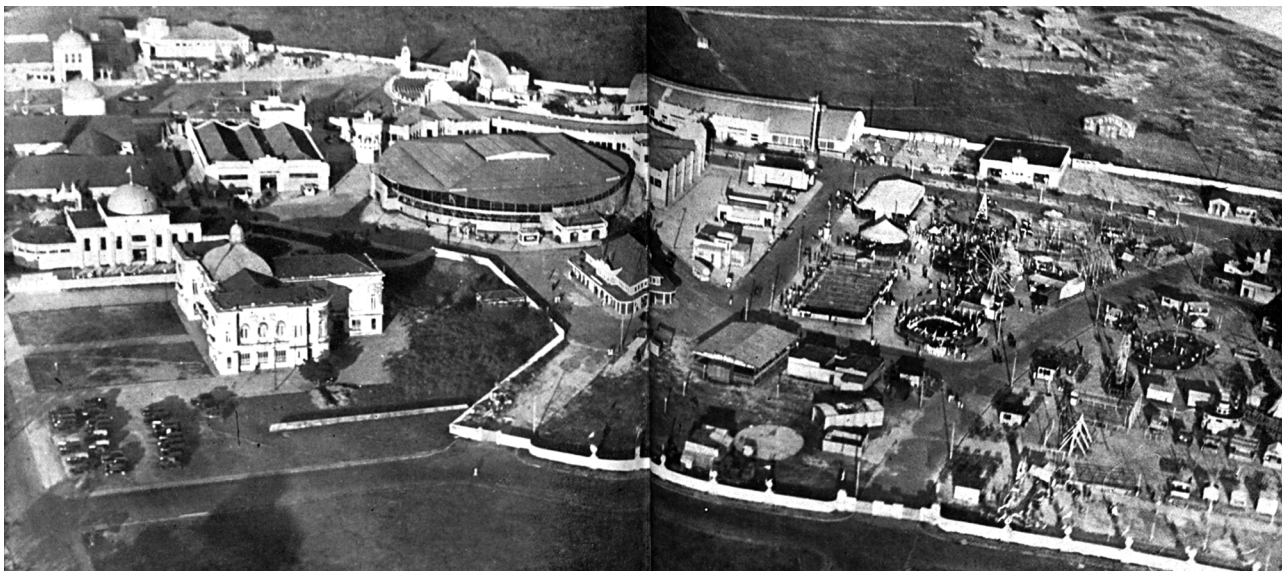


Figura 1 | Vista aérea do recinto da Feira Internacional de Amostras em 1936

Fonte: VISTA..., 1936

tremidade de um vasto local onde poderão ser edificadas construções provisórias de cada feira, serão encontrados os edifícios permanentes agrupados ao redor de uma grande sala de congressos (AGACHE, 1930, p. 218).

Embora a proposta de Alfred Agache (1875-1959) não tenha sido adotada, a Feira de Amostras prosperou, no local previsto, porquanto instalada em uma área preexistente. A oitava edição da Feira ocupou uma área de 120.000 m² (aí incluindo um parque de diversões) para acomodar 742 firmas e catorze representações estrangeiras; teria recebido cerca de um milhão de visitantes (não incluindo crianças, de ingresso livre), em 1935 (VIII FEIRA..., 1936).

No capítulo “Modernidade Pragmática 1922-1943”, Hugo Segawa (1998, p. 62) anotou que “se o Art Déco se consagrou numa grande exposição [*Exposition des Arts Décoratifs et Industrielles*, Paris, 1925], certo caráter fugaz que permeou a voga Déco pode ter sido reforçada pela realização de grandes exposições transitórias com o predomínio de pavilhões desenhados ao gosto”, mencionando no caso brasileiro a VII Feira Internacional de Amostras de 1934. As feiras de amostras, no Brasil, então constituíram o cenário de difusão de uma ideia de arquitetura que buscavam um sentido de modernidade – qualquer que fosse essa modernidade.

Deslumbramento e ideologias

As Feiras de Amostras organizadas no Rio de Janeiro não podem ser dissociadas da ideia mais geral das grandes exposições internacionais, cujo marco inicial é a Exposição Universal de Londres, de 1851. Não é o caso de neste ensaio se fazer um retrospecto desses eventos, mas apenas contextualizar as décadas de 1920 e 1930.

As grandes exposições internacionais prosperaram sob o signo da expansão do capitalismo, da competição internacional e do colonialismo. Desde sua origem, a autoridade e o domínio das potências mundiais, o sistema industrial e a sacração do progresso constituíram os motes da propaganda e da difusão do poderio que se exibiam explícita ou subliminarmente – mediante a arquitetura dos pavilhões, estandes, apresentação de produtos e serviços, espetáculos, cenários de divertimento e deslumbramento – nesses enclaves urbanos feéricos, fantasiados de festa e entretenimento.

A arquitetura tem um caráter especial nesse contexto, conforme Andrew Shanken (2014, p. 12, tradução nossa):

Os edifícios eram vistos como símbolos potentes desse nexa. A arquitetura serviu como mais do que uma moldura para a exibição de produtos, processos industriais e pessoas e domínios coloniais. Edifícios eram portadores de significado. Eles eram retoricamente impregnados e ideologicamente construídos. De 1851 à exposição mais recente, de 2010 em Shanghai, os prédios em si têm sido os objetos centrais de exibição, enquanto seus cenários muitas vezes dramáticos operam como vastos museus ao ar livre – instantâneos do mundo visto sob a lente de uma nação ou cidade em particular.

Se Londres e Paris inauguraram e abrigaram as mais suntuosas exposições no século 19, patrocinadas pelas vontades de supremacia mundial, modalidades regionais e locais floresceram a partir desses modelos, não necessariamente com a mesma ambição da Inglaterra ou França. Nos Estados Unidos, há o entendimento de que as exposições internacionais, como a da Filadélfia de 1876 e a de Chicago em 1893, se realizaram como formas de afirmação regional, substituindo-se a ambição mundial pela busca de relevância dentro do próprio país. Na Europa, eram as nações que financiavam os eventos;

nos Estados Unidos, era a competição entre as cidades que impulsionava a realização de exposições, mesmo com o epíteto de ‘internacional.’ Nos anos 1920, os norte-americanos se retraíram na organização desses eventos, havendo uma retomada a partir da década de 1930, no quadro da Grande Depressão e do New Deal, impulsionando a organização de mostras que se denominaram *World’s Fairs* (SHANKEN, 2014, p. 12-13).

O Distrito Federal como promotor de eventos

Em outubro de 1927 o prefeito Antonio Prado Junior (1880-1955) e o presidente Washington Luis (1869-1957) inauguraram a Feira de Amostras de Produtos Brasileiros, no 1º andar do prédio da avenida Rio Branco nº 129, em algumas salas do Instituto de Propaganda de Produtos Brasileiros (INAUGURAÇÃO..., 1927).

O sucesso da iniciativa deve ter incentivado o prefeito a ampliar o seu alcance: em julho de 1928, a Primeira Feira de Amostras² foi inaugurada pelas mesmas autoridades do evento do ano anterior, mas, conforme noticiário da época, com a presença de “ministros de Estado, diplomatas estrangeiros, congressistas, magistrados e elevado número de pessoas” (INAUGURAÇÃO..., 1928). Saíndo da avenida Rio Branco, a primeira feira ocupou o Palácio das Festas (Figura 2) e as instalações da Exposição do Centenário de 1922, a respeito da qual a imprensa na época destacava uma diferença de enfoque, e um novo conteúdo:

A Feira de Amostras [...] é uma esplêndida tentativa que demonstra quanto esse certâmen poderá ser útil e que êxito poderá ter repetido anualmente, desde que seja bem organizado e que o industrial e o comerciante carioca possam calcular seus magníficos efeitos.

Em frequência, ele já bateu aquela desastrosa Exposição [do Centenário], na qual os dirigentes e funcionários somente tinham uma preocupação: afastar o público.

Aprendemos ali quanta coisa preciosa produz a nossa indústria e que nós pensamos vir do estrangeiro. Vemos o seu adiantamento em várias coisas. E sente-se, com a alma cheia de otimismo, que o nosso progresso será um dia vertiginoso (FEIRA..., 1928).

O discurso da habilitação nacional de produzir bens era uma retórica que promovia a importância das Feiras. Conforme a revista *Fon-Fon* de 1929:

Se, nos dias de hoje, as nações, os povos valem pela sua capacidade econômica, pelo padrão da sua produção, pela eficiência da organização do seu trabalho, o Brasil e os brasileiros podem, com justo e legítimo desvanecimento, orgulhar-se dos seus empreendimentos no vasto e fecundo campo da atividade industrial no mundo. É essa a impressão que se traz de uma visita ao importante certâmen do Palácio das Festas, onde a indústria nacional, num conjunto maravilhoso e expressivo, dá bem uma ideia do que é o Brasil de hoje na sua potencialidade econômica, através do fecundo dinamismo das oficinas onde se opera o seu trabalho e se constrói



Figura 2 | Palácio das Festas, edifício remanescente da Exposição do Centenário de 1922, transformado em sede da Feira de Amostras em 1929
 Fonte: FEIRA..., 1929a

e consolida o prestígio do seu nome e a glória do seu povo (GRANDES exposições..., 1929).

A 3ª Feira de Amostras, de 1930, passou a receber representações estrangeiras – tornando-se, portanto, internacional –, motivo de júbilo e reiteração do viés nacionalista como discurso de competição e autoafirmação, conforme a *Revista da Semana*:

O Brasil atual já se não arreceia de ombrear com as nações estrangeiras e, não tendo o risco de fazer uma figura ridícula diante dos demais países concorrentes, nada justificaria que o exclusivismo das duas primeiras se repetisse na 3ª Feira de Amostras. O confronto não nos poderá trazer demérito algum, estamos certos; poderá, em uma ou outra cousa, mostrar a excelência do que é nosso. E, quanto àquilo em que nos sentirmos inferiores, a Feira será, por força, um maravilhoso estímulo (FEIRA..., 1930).

Embora contaminado por certo espírito das exposições internacionais, as feiras de amostras ostentavam uma natureza específica. Uma crônica sobre a 2ª Feira de Amostras na revista *Careta* ilustrava a questão:

A Vida é uma feira de amostras em larga escala. Ao contrário das exposições, que exigem produtos especiais e carinhosamente acondicionados, a feira apresenta produtos tais como se encontram à venda, no mercado. Há artigos mal embrulhados e produtos de fornadas defeituosas. Há mercadorias antiquadas, que nem mesmo com grande abatimento encontram compradores... (FEIRA..., 1929b).

Simpática e simplória, a crônica não se dava conta da complexidade do negócio, na diferenciação da “exposição” da “feira”. Artigo publicado no jornal *A Noite* de 1930, sobre a feira de Leipzig, alertava sobre a dinâmica dos eventos internacionais:

Houve um momento na Europa – há uma meia dúzia de anos – em que toda cidade de mediana importância se julgou chamada a ter sua própria feira e alimentou a ilusão de que os compradores teriam sumo gosto e interesse em dar-se ao incomodo de a visitar. Bastou um par de anos para demonstrar que esse cálculo era completamente absurdo. As inumeráveis feiras foram quase todas elas um fracasso mesmo sob o ponto de vista estritamente nacional.

Sob o ponto de vista internacional fracassaram todas. Todas, sem exceção alguma. Unicamente Leipzig conseguiu salvar-se. E se compreende. Para que uma feira e amostras internacional seja útil, é preciso que seja única e que seja além disso verdadeiramente internacional, tanto no sentido das compras como no das vendas. Todo comprador é simultaneamente, não se deve esquecer, vendedor, e por consequência não pode passar metade do ano correndo de uma feira a outra.

A Feira de Leipzig não está feita para turistas. A feira existe e vive para as pessoas verdadeiramente interessadas em poder pôr-se ao corrente, no espaço de poucos dias ou, se convém, de algumas horas, das mudanças que de ano para ano ou de semestre para semestre se operam no mercado de um determinado ramo de produção ou de um determinado artigo [...]

Em resumo, a Feira de Leipzig não é uma exposição. É uma bolsa e, preponderantemente, uma bolsa de produtos manufaturados. É também uma grande revista, posta ao dia, da técnica moderna nas suas mais recentes e originais manifestações (SCHWARZ, 1930, grifos nossos).

Não se sabe se esse artigo contribuiu para a formação do evento carioca; todavia, certas ideias nele contidas deveriam ter circulado e referenciado os seus organizadores, contrariando apenas a vocação turística, explícita no Rio de Janeiro. Formalmente, o governo federal estabeleceu em 1934 que a feira na capital do país seria a única a ostentar a condição

de “internacional”.³ O caráter institucional da feira carioca se extrai do seu catálogo oficial (cuja versão para a 9ª Feira, de 1939, vinha em sete línguas: português, inglês, espanhol, francês, alemão, italiano e esperanto):

[A Feira] distingue-se essencialmente das simples exposições de produtos, porquanto nesse certame os expositores podem efetuar toda a espécie de transações comerciais, vender e comprar, realizar contratos diretos com interessados, e em condições particularmente favoráveis, por isso que são eliminados os intermediários. Se ali a posição dos interessados vendedores é vantajosa, não o é menos a dos compradores, que podem facilmente comparar os produtos de um mesmo ramo e de qualidade semelhante, observar as novidades apresentadas pelo progresso das indústrias e escolher a mercadora preferida, com economia de tempo e dinheiro. [A Feira], tal como as suas congêneres de vários países, oferece ainda a vantagem de permitir ao público o conhecimento de novas indústrias, acompanhando a sua evolução e fazendo o confronto entre os produtos de vários expositores, resultando assim o estímulo para um maior aperfeiçoamento em proveito geral (CATÁLOGO..., 1936, [p. 7]).

Poderiam participar “todo fabricante ou produtor direto do país do estrangeiro”, “representantes ou agentes autorizados para vender artigos com marcas determinadas” ou “sindicatos, sociedades cooperativas de produção agrícola” (CATÁLOGO..., [p. 7]).

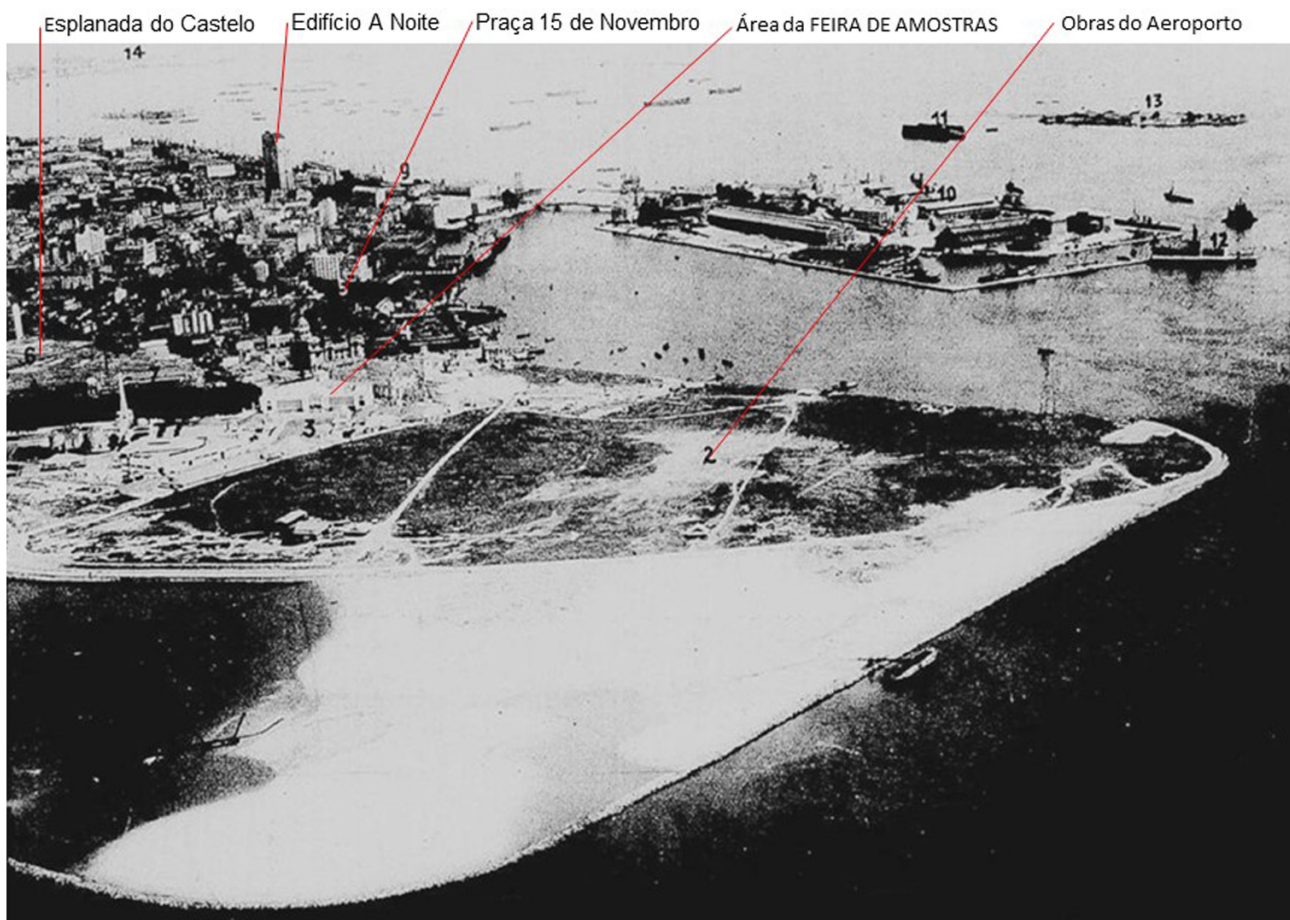


Figura 3 | Foto aérea publicada em 1936, mas provavelmente de 1933ca., com as obras do aterro do aeroporto e a posição da Feira de Amostras
Fonte: NOSSA terra, 1936

Como infraestrutura, parte das instalações da Exposição do Centenário foi apropriada como seu recinto, que no início da década de 1920 ainda bordava a água, e que ao longo dos anos seguintes, aterros sucessivos foram ampliando o terreno para receber o hoje aeroporto Santos Dumont (Figura 3). Em uma descrição de 1931, no jornal *A Noite*:

...as grandes áreas do Palácio das Festas, do Pavilhão Anexo e as externas estão literalmente tomadas com os “stands” magníficos das nossas maiores organizações comerciais e industriais, além da participação de institutos oficiais e dos poderes públicos da União e do município, que desta forma revelam um espírito de alta compreensão da necessidade de focalizar claramente, perante o público, alguns dos nossos mais interessantes problemas econômicos (ABRE-SE amanhã..., 1931).

Alemanha, Argentina, Bélgica, Estados Unidos, Finlândia, França, Holanda, Inglaterra, Hungria, Itália, Polônia, Portugal, Uruguai e Venezuela e Japão estiveram representados, alguns com pavilhões próprios, como Portugal, Alemanha e Suécia, na feira de 1938. São Paulo (Figura 4), Minas Gerais (Figura 5), Pernambuco (Figura 6), Paraná, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul foram estados com pavilhões próprios, bem como uma empresa, a Dolabella Portella, chegou a patrocinar um pavilhão próprio, na IX Feira.

Amstras de modernidade

Realizando-se numa época em que o nosso clima é o mais brando e permitindo a conjunção dos produtos industriais, agrícolas e mercantis *num só local artisticamente preparado*, contribuem as Feiras para intensificar o movimento geral da cidade, atraindo a um tempo os nossos habitantes e os turistas, muitos dos quais especialmente vindos para assistir a essa impressionante demonstração das nossas forças econômicas.

A Noite, 1931 (ABRE-SE amanhã..., 1931, grifo nosso).

Ao longo da década de 1930, registros fotográficos dos pórticos de entrada mostram as estéticas distintas que caracterizaram a arquitetura do elemento de recepção do grande público à feira. A Exposição do Centenário ostentou um pórtico de desenho não definível estilisticamente, compondo um ambiente feérico, como o registro de cartão postal sugere (Figura 7).

Os ingressos para as Feiras de Amostras de 1930 (Figura 8), 1931 e 1933 (Figura 10) estavam em sintonia com a arquitetura das exposições francesas, como a *Exposition des Arts Décoratifs* de Paris de 1925 (Figuras 11, 12) e a *Exposition Coloniale Internationale* de Paris de 1931 (Figura 13). A revista *Para Todos*, ao comentar a entrada de 1931 (Figura 9), anotou-a como “uma das curiosidades deste ano, pelo seu estilo futurista.” (FEIRA Internacional..., 1931)

Uma proposta para construir um novo Palácio de Festas, em 1935, reafirmava a intenção de con-



Figura 4 | Pavilhão de São Paulo na Feira Internacional de Amostras
Fonte: Cartão postal, arquivo do autor



Figura 5 | Pavilhão de Minas Gerais na Feira Internacional de Amostras
Fonte: Cartão postal, arquivo do autor



Figura 6 | Pavilhão de Pernambuco na Feira Internacional de Amostras
Fonte: 7ª FEIRA..., 1934

solidar a Feira Internacional de Amostras como um evento permanente. “A cidade terá mais um ornamento artístico” com um traçado moderno e harmonioso”, registrou a revista *Fon-Fon* (CIDADE terá..., 1935), como a *Revista da Semana* saudava o projeto “traçado dentro dos requisitos da moderna arquitetura e assim digna do progresso da cidade” (PALACIO..., 1935). Era uma proposta (Figura 13) sintonizada ao gosto das edificações que se viram na *Exposition des Arts Décoratifs* de 1925 e da *Exposition Coloniale Internationale* de 1931.



Figura 7 | Entrada da Exposição do Centenário de 1922
Fonte: Cartão postal, arquivo do autor



Figura 9 | Entrada da 4ª Feira de Amostras, 1931, contrastando com a cúpula do Palácio das Festas da Exposição de 1922
Fonte: PORTÃO..., 1931



Figura 8 | Entrada da 3ª Feira de Amostras, 1930
Fonte: ENTRADA, 1930

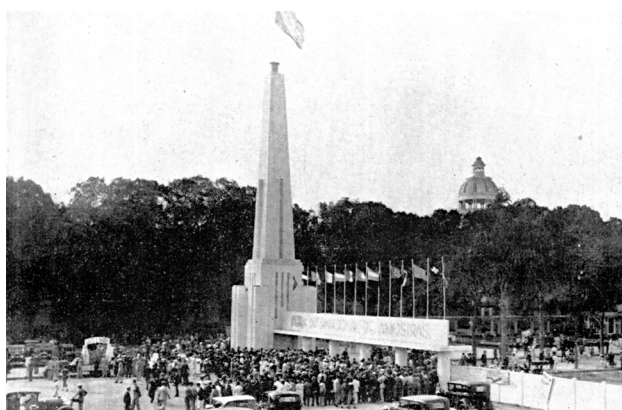


Figura 10 | Entrada da 6ª Feira de Amostras, 1933
Fonte: POVO..., 1933

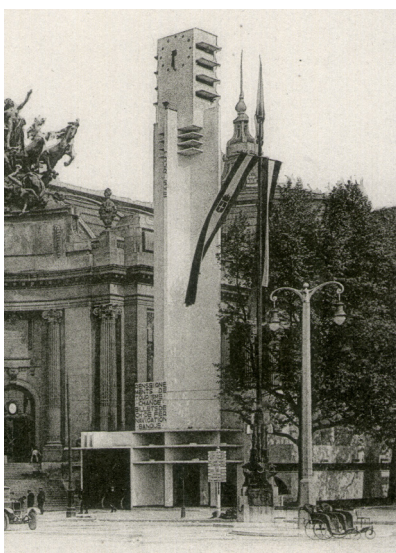


Figura 11 | (À esquerda) Pavilhão do Turismo, projeto de Rob Mallet-Stevens para a *Exposition des Arts Décoratifs* de Paris, 1925. Os pormenores geométricos remetem à torre do Pavilhão de Pernambuco (Figura 6) da Feira de Amostra do Rio de Janeiro
Fonte: Cartão postal, arquivo do autor



Figura 12 | (À direita) Pavilhão da Bélgica, projeto de Victor Horta para a *Exposition des Arts Décoratifs* de Paris, 1925
Fonte: Cartão postal, arquivo do autor



Figura 13 | Portão de Honra e cidadela de informações, projeto de Bazin, Bourgon e Chevalier para a *Exposition Coloniale In-ternationale* de Paris, 1931

Fonte: Cartão postal, arquivo do autor

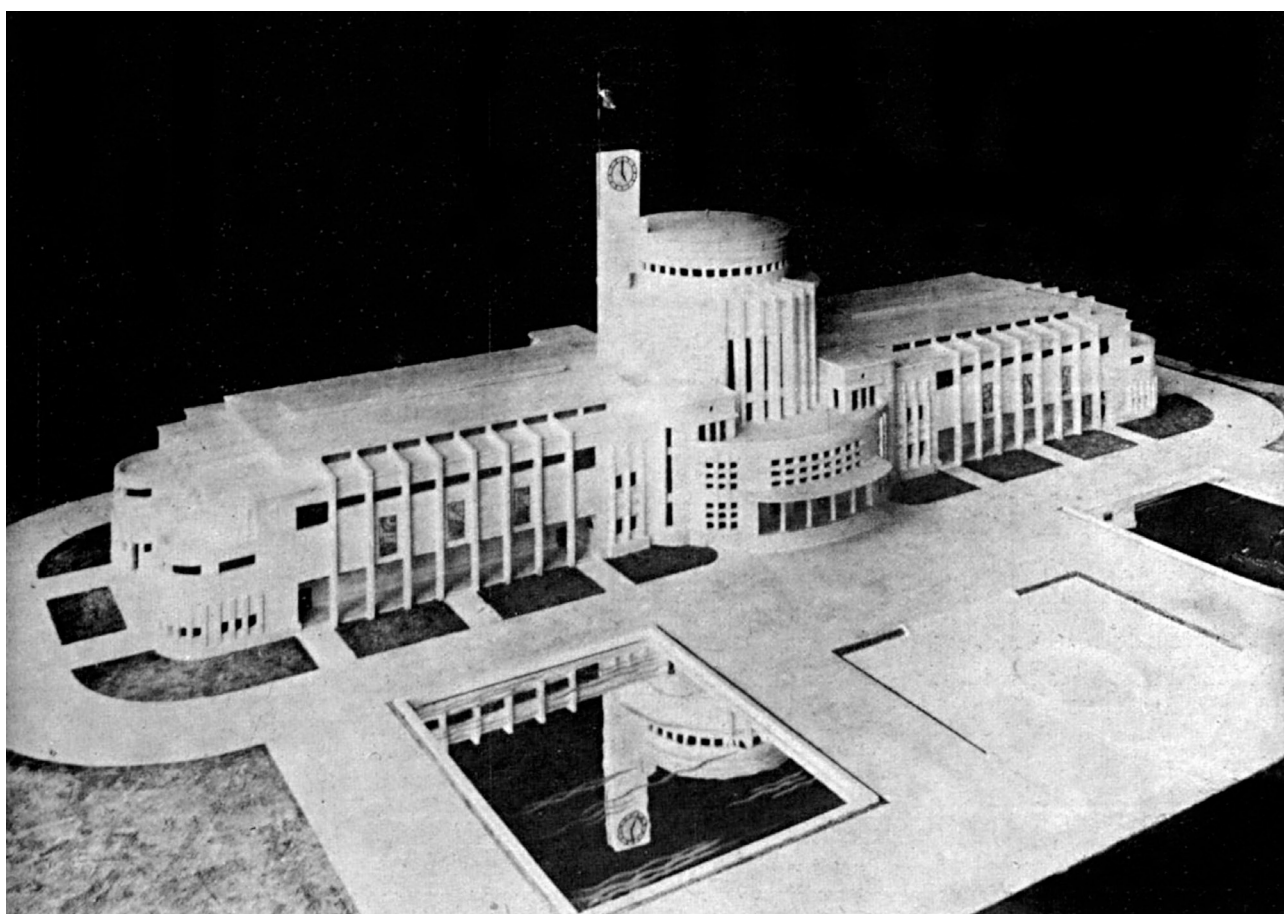


Figura 14 | Projeto para um novo Palácio das Festas no recinto da Feira Internacional de Amostras, projeto de G. Luckmann, 1935

Fonte: CIDADE..., 1935

Moderno cotidiano

A Feira de Amostras tem, além da sua finalidade puramente comercial, um caráter artístico e educacional que não pode ser negado. Ali se encontram, em "stands" organizados com bizarra originalidade, com requintes de bom gosto [...].

A Noite Ilustrada, 1932 (EXITO..., 1932, grifo nosso)

Ademais de um evento comercial e de propaganda, a Feira de Amostras do Rio de Janeiro aproximou a população de várias classes sociais às modernidades de aparatos elétricos e mecânicos, tanto de uso industrial e comercial como doméstico. Empresas estrangeiras, como a alemã Siemens (Figura 14) e a holandesa Philips (Figura 15) negociaram seus produtos erguendo vistosos estandes.

A indústria holandesa praticou na Feira de 1934 uma bem-sucedida estratégia de marketing. A revista *Fon-Fon* destacou a Philips com seu "original 'stand'", "este rádio monstro":

O interesse do público para este suntuoso pavilhão é tão grande que, apesar do tempo desfavorável, por ocasião da abertura da Feira, 15.000 pessoas visitaram o originalíssimo "stand" sendo que, aos sábados e domingos, a afluência torna-se tão grande, que dificilmente os interessados podem visitá-lo (MAIOR rádio..., 1934)

O conjunto edificado do recinto da Feira Internacional de Amostras não apresentava nenhuma coerência arquitetônica, estilística e urbanística.

Não se pôde ainda apurar autorias nominais dos projetos dos pavilhões e estandes, nem do traçado urbanístico. A Prefeitura do Distrito Federal foi responsável pela organização do evento. Embora mantivesse um corpo técnico de engenheiros e arquitetos, ainda não foi possível estabelecer relações entre as partes da administração municipal. Tampouco se sabe se as representações estrangeiras providenciaram seus próprios projetos.

O impulso inicial proporcionado pelo prefeito Antonio Prado Junior fez com que a ideia de um recinto próprio se incorporasse ao plano encomendado ao urbanista Alfred Agache. Inicialmente ocupando as instalações da Exposição do Centenário de 1922, as transformações da área – sobretudo com os aterros que criaram uma grande superfície planejada para o aeroporto – asseguraram uma expansão temporária do recinto da feira. Prefeitos subsequentes, como Pedro Ernesto (1884-1942), que revogou o plano Agache, criou o Departamento de Turismo, impulsionando mais a promoção da Feira de Amostras; Henrique Dodsworth (1895-1975), prefeito que administrou o Distrito Federal entre 1937 e 1945, também valorizou a realização da Feira. Ideada quando Washington Luis presidente, Getúlio Vargas (1882-1954) deu continuidade à iniciativa. Mas não se pode constatar continuidade ou unida-



Figura 15 | Estande da Siemens, que também serviu como pavilhão da Alemanha na 9ª Feira Internacional de Amostras, 1936
Fonte: SIEMENS..., 1936



Figura 16 | Estande da Philips na 7ª Feira Internacional de Amostras, 1934
Fonte: MAIOR rádio..., 1934

de no plano arquitetônico e urbanístico. Camadas de intervenções, adições e fragmentações construíram uma paisagem truncada ao longo do tempo.

Condição muito distinta e ao mesmo tempo análoga às exposições e feiras celebradas na Europa e nos Estados Unidos – cujas descontinuidades eram parte



Figura 17 | Auditório da Feira Internacional de Amostras. Foto sem data
Fonte: Cartão postal, arquivo do autor

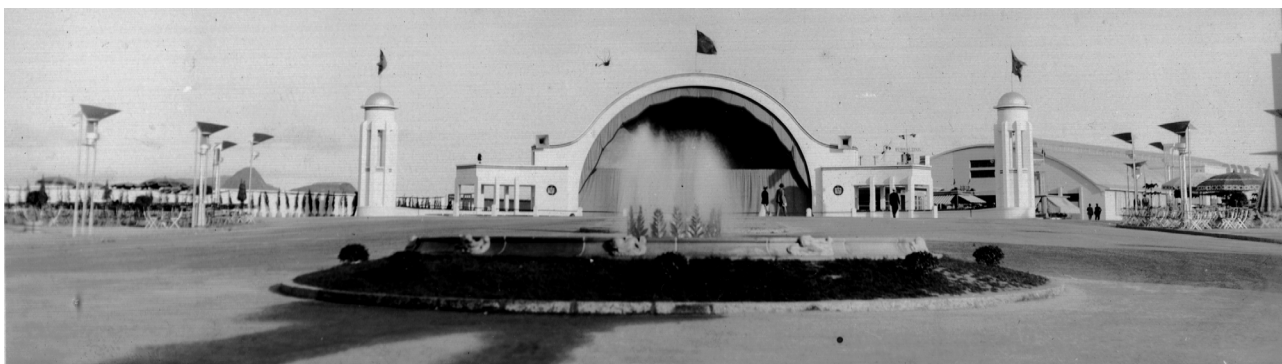


Figura 18 | Vista do eixo de ingresso da Feira de Amostras. À direita, o Pavilhão de São Paulo; ao centro, o Pavilhão de Minas Gerais; em primeiro plano, o Pavilhão do Ceará, que também foi o pavilhão da Siemens em outro momento. Foto sem data
Fonte: Cartão postal, arquivo do autor



Figura 19 | Bar e restaurante "Social Dacing" no recinto da Feira Internacional de Amostras, 1934
Fonte: Cartão postal, arquivo do autor

da concepção do projeto, uma vigência programada na qual ao seu término previa-se o esgarçamento da iniciativa.

Da Feira Internacional de Amostras do Rio de Janeiro, e sua vida, restaram apenas os registros em textos e fotografias. Ou uma nota que Le Corbusier, em 1936, quis substituir a quadra destinada à sede do Ministério da Educação e Saúde pela área da Feira de Amostras (LE CORBUSIER, 1937, p. 184).

Assim como os artefatos exibidos nos seus interiores, pavilhões e estandes também contribuíram para a atualização dos gostos em arquitetura, comunicação visual e ornamento nos anos 1930, com pavilhões “retoricamente impregnados e ideologicamente construídos.” Essas arquiteturas se exibiam, chamavam a atenção, convidavam os visitantes ao encontro do novo, da “bizarra originalidade” presente na Feira Internacional de Amostras – também uma feira de amostras da modernidade em arquitetura.

Notas

1 Leonor Telles foi uma contista cujo livro de estreia, *Porteira Velha* (Rio de Janeiro: Alba, 1943, existe reedição de 1972), coleção de contos e crônicas, lhe angariou o elogio, “uma das mais fortes expressões da moderna literatura feminina no Brasil” na seção “Livros e Autores” da revista *O Malho* (Rio de Janeiro, ano 41, n. 45, out. 1943, p. 9). Conforme a mesma revista, sabe-se que era funcionária do Ministério da Educação e Saúde (*O Malho*, Rio de Janeiro, ano 40, n. 40, maio 1943, p. 19). Há uma edição de “Deslumbramento” de 1968 em lojas de livros usados.

2 A Feira de Amostras foi criada pelo Decreto nº 3.267 de 5 de janeiro de 1928.

3 Decreto Federal nº 24.163 de 24 de abril de 1934.

Referências Bibliográficas

7ª FEIRA Internacional de Amostras (A). *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, ano 35, n. 39, p. 31, 8 set. 1934.

ABRE-SE, amanhã, a Feira Internacional de Amostras de 1931. A solenidade oficial – atractivos do certame – ligeiras impressões. *A Noite*, Rio de Janeiro, p. 2, 24 jul. 1931.

AGACHE, Alfred. *Cidade do Rio de Janeiro: extensão – remodelação – embelezamento*. Paris; Rio de Janeiro: Foyer Brésilien; Prefeitura do Distrito Federal, [1930].

CATALOGO Official da IX Feira Internacional de Amostras. Rio de Janeiro: [Prefeitura do Distrito Federal], 1936.

CIDADE terá um novo ornamento artístico... (A). *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano 29, n. 7, p. 45, 16 fev. 1935.

ENTRADA. *Careta*, Rio de Janeiro, p. 14, 16 ago. 1930.

EXITO da Feira de Amostras (O). *A Noite Ilustrada*, Rio de Janeiro, n. 117, p. 12, 29 jun. 1932.

FEIRA de Amostras (A). *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano 22, n. 29, p. 3, 21 jul. 1928.

FEIRA de Amostras (A). *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano 34, n. 52, p. 18, 28 dez. 1940.

FEIRA de Amostras (A). *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, n. 32, p. 32, 26 jun. 1930.

FEIRA de amostras. *Careta*, Rio de Janeiro, p. 32, 20 jul. 1929b.

FEIRA de amostras. *Careta*, Rio de Janeiro, p. 16, 6 de jul. 1929a.

FEIRA Internacional de Amostras do Rio de Janeiro. *Para Todos*, Rio de Janeiro. n. 661, p. 19, 15 ago. 1931.

GRANDES exposições do trabalho nacional na 2ª Feira de Amostras do Distrito Federal (As). *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano 23, n. 27, p. 42, 06 jul. 1929.

INAUGURAÇÃO da Exposição Feira Amostras Permanentes... *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano 21, n. 42, 13 out. 1927, p. 54.

INAUGURAÇÃO da primeira Feira de Amostras... *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano 22, n. 27, 1928, p. 42.

LE CORBUSIER. *Revista da Diretoria de Engenharia da Prefeitura do Distrito Federal*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 4, p. 184, jul. 1937.

MAIOR radio do Brasil!! (O). *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano 28, n. 36, p. 47, 08 set. 1934.

NOSSA terra. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, ano 37, n. 44, p. 33, 10 out. 1936.

PALACIO das Festas na Feira de Amostras (O). *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, ano 36, n. 10, p. 30, 16 fev. 1935.

PORTÃO da Feira que se inaugurou (O). *Careta*, Rio de Janeiro, p. 11, 01 ago. 1931.

POVO aguardando, na entrada principal, a chegada das autoridades (O). *Careta*, Rio de Janeiro, p. 20, 07 out. 1933.

PROJECTO da entrada da 4ª Feira de Amostras que será inaugurada breve na Avenida das Nações. *Para Todos*, Rio de Janeiro, ano 13, n.656, p.18, 11 jul. 1931.

SCHWARZ, Carlos. A Feira do outomno em Leipzig. *A Noite*, Rio de Janeiro, p. 7, 28 set, 1930.

SEGAWA, Hugo. *Arquiteturas no Brasil 1900-1990*. São Paulo: Edusp, 1998.

SHANKEN, Andrew. *Into the void: building the 1939 San Francisco World's Fair*. Oakland, California: University of California Press, 2014.

SIEMENS na 9ª Feira Internacional de Amostras. *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano 30, n. 44, p. 38, 31 out. 1936.

TELLES, Leonor. Deslumbramento. *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano 31, n. 48, 07 out. 1944, p. 4, 6, 10.

VIII FEIRA Internacional de Amostras (A). *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano 30, n. 36, p. 49, 05 set. 1936.

VISTA aérea do recinto da Feira Internacional de Amostras. *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano 30, n. 44, p. 39, 31 out. 1936.

XII FEIRA Internacional de Amostras (A). *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano 33, n. 49, p. 12, 9 dez. 1939.